

REVISTA

ADUPÉ

03

ANO 1

NOVEMBRO

2025

www.itaquerendofolia.org

MADRINHA EUNICE

PATRIMÔNIO
CULTURAL DE
RESISTÊNCIA

HISTÓRIAS
NEGRAS
NARRADAS EM
MONUMENTOS



Você já fez sua boa ação hoje?

NÃO JOGUE SEU CUPOM FISCAL NO LIXO!

Cadastre-se como DOADOR AUTOMÁTICO de Cupons Fiscais para o Ponto de Cultura ITAQUERENDO FOLIA

📣📌 DOAÇÃO AUTOMÁTICA

- 1) Cadastre-se: <https://portal.fazenda.sp.gov.br/servicos/nfp>
 - 2) Faça login e acesse o menu "Entidades" > "Doação de cupons com CPF (automática)"
 - 3) Escolha o **BLOCO ITAQUERENDO FOLIA – CNPJ: 25.016.730/0001-01**
 - 4) SE você tiver saldo faça a transferência desse saldo para sua conta, no menu "Conta Corrente" > "Consulta" > "Sacar".
- 😊 Depois dessa primeira transferência o ITAQUERENDO passará a receber os créditos futuros
- 🙏 Passe a INFORMAR SEU CPF em TODAS as compras. CONTRIBUA com nossas ações
- 🏆 💰 **LEMBRE-SE:** Você contribui e concorre a PRÊMIOS pela Nota Fiscal Paulista!
- !? 📲 Dúvidas: 11 99856-1738 - WhatsApp
- 📣📌 🙏 COMPARTILHE! SEJA UM COLABORADOR DE NOSSAS AÇÕES.
- 📣 NOSSAS REDES SOCIAIS [@itaquerendofolia](https://www.instagram.com/itaquerendofolia)



DOE SEU CUPOM FISCAL SEM CPF

Você pode tirar uma foto de seu cupom fiscal e nos enviar pelo WhatsApp 11 – 9 9856-1738 ou junte durante o mês e nos ligue que vamos retirar.

EXPEDIENTE

Editor-chefe

Jornalista Josivaldo A. Sousa
MTE/SP 0069747

Revisão de Projeto Gráfico

Coletivo CDLI

Colaboradores

Jornalista Mauricio Coutinho, Isabel Balla, Arthur Souto, Celia e Celma, Shirley Damy

Projeto da Capa

Jornalista Mauricio Coutinho.
Escultura de Madrinha Eunice, instalada
no bairro da Liberdade.
Foto/montagem: arquivo pessoal

Assessoria de Imprensa

Coletivo CDLI

Redação

itaquerendofolia@gmail.com

ÍNDICE

- 4** - Além da data comemorativa da Consciência Negra: a história que nos constitui.
7 - Histórias negras narradas em monumentos.

VAI UMA RAPIDINHA?

Por: J. Ivo Brasil

O SURTO DAS BEBIDAS ADULTERADAS

E o mistério continua, sobre a série de casos de intoxicação grave, inclusive com mortes, causadas por ingestão de álcool contaminado com metanol no Brasil, principalmente em São Paulo. Os surtos começaram em setembro e outubro de 2025. A crise gerou uma força-tarefa do governo, investigações policiais para identificar a origem do metanol (desviado de empresas que o importam para indústrias químicas) e apreensões de bebidas e de produtos para a produção clandestina.



Imagen?fonte:<https://blogdoaftm.com.br/charge-bebidas-adulteradas/>

- 13** - Literatura - Arthur Souto
16 - Causos com CÊS
19 - Matéria de capa

Siga nossas redes sociais - **@itaquerendofolia**





**Além da data comemorativa da
Consciência Negra:
a história que nos constitui**



Isabel Cristina Balla
Psicanalista CTN/SP N° 03947

Para além da data comemorativa da Consciência Negra, temos toda uma história de lutas, tristezas, mas também de força, garra e vitórias. Temos exemplos da construção de sujeitos que, dentro de suas subjetividades, nos trouxeram parte de tudo o que vivemos ainda hoje. Porque esses seres existem não apenas nos negros, na cor, mas em cada um de nós, misturados de todas as formas e presentes em todos os seres. A tristeza de suas histórias, de suas perdas, e, mais uma vez, de suas vitórias...

Olhar os dias de hoje e ainda perceber o quanto, por infelicidade de tantos, ainda são desmerecidos, nos faz pensar o quanto ainda não se reconhece o que fizeram e o que ainda fazem, pois são parte de nossa existência. Para além da data comemorativa da Consciência Negra, temos toda uma história de lutas, tristezas, mas também de força, garra e vitórias. Temos exemplos da construção de sujeitos que, dentro de suas subjetividades, nos trouxeram parte de tudo o que vivemos ainda hoje. Porque esses seres existem não apenas nos negros, na cor, mas em cada um de nós, misturados de todas as formas e presentes em todos os seres. A tristeza de suas histórias, de suas perdas, e, mais uma vez, de suas vitórias... Olhar os dias de hoje e ainda perceber o quanto, por infelicidade de tantos, ainda são desmerecidos, nos faz pensar o quanto ainda não se reconhece o que fizeram e o que ainda fazem, pois são parte de nossa existência. Mais uma vez, fazem parte de nós — da construção de nossa história...

Gratidão é a palavra — pela sua existência, pela cultura, pela religião de matriz africana, pela música, pela inteligência, por nos ensinar tanto. A psicanálise tem um papel importante na compreensão das questões raciais e de sua influência na formação da identidade negra. Alguns teóricos negros contribuíram significativamente para essa área, destacando a importância da consciência negra e da psicanálise na superação do racismo e na construção da identidade

Virgínia Leone Bicudo (1910-2003)

Primeira psicanalista brasileira, pioneira no estudo das relações raciais no campo da psicanálise e das ciências sociais no país.

“O que me levou para a psicanálise foi o sofrimento. Eu queria me aliviar de sofrer.”

Frantz Fanon (1925-1961)

Psiquiatra, sociólogo e filósofo, figura fundamental cujas obras têm profunda relevância psicanalítica e abordam diretamente as questões de raça e colonização

Neusa Santos Souza (1948-2012)

Psicanalista brasileira. Embora tenha atuado posteriormente a Virgínia Bicudo, é uma figura de grande importância na intersecção entre psicanálise e negritude no Brasil.

Enfim, as frases abaixo nos transmitem, de fato, o olhar que devemos ter em relação ao outro, independentemente de quem seja esse outro. Refazer um caminho de análise dos porquês existentes para tanta agressividade, discriminação e racismo estrutural talvez seja um caminho para o reconhecimento maior de vidas tão importantes. Metáforas que, como um sonho, possam um dia existir.

“Tratar o outro como sujeito, e não como meio para um fim, é a essência do respeito.” — Kant

“O respeito ao próximo é o reconhecimento de sua dignidade, de sua humanidade.” — Kant

“A alteridade (a condição de ser outro) exige o reconhecimento do espaço e do desejo do outro.” — Emmanuel Lévinas

“Reconhecer o outro é também reconhecer o que há de humano em nós.” — Isabel Cristina Balla

Créditos e Referências

Autoria do texto: Isabel Cristina Balla – Psicanalista

Arte de capa: Colagem artística em preto e prata com retratos estilizados de Virgínia Leone Bicudo, Frantz Fanon e Neusa Santos Souza

Fontes teóricas citadas:

- Bicudo, V. L. (1910–2003) — pioneira nos estudos das relações raciais e psicanálise no Brasil.
- Fanon, F. (1925–1961) — psiquiatra e filósofo, autor de Pele Negra, Máscaras Brancas e Os Condenados da Terra.
- Souza, N. S. (1948–2012) — psicanalista brasileira, autora de Tornar-se Negro.
- Kant, I. (1724–1804) — filósofo alemão, autor de Fundamentação da Metafísica dos Costumes.
- Lévinas, E. (1906–1995) — filósofo francês, autor de Totalidade e Infinito.





“HISTÓRIAS NEGRAS NARRADAS EM MONUMENTOS”



Shirley Damy

Historiadora, especialista em Planejamento e Marketing em Turismo, Guia de Turismo credenciada pelo MTur, CEO da Damy Turismo & Cultura Ltda e Giro in Sampa , presidente do COMTUR – Conselho Municipal de Turismo de Osasco.

São Paulo tem uma história bastante singular. Por quase 300 anos foi uma vila pobre, com poucas casas, por onde passavam viajantes e muitos negócios. Vários movimentos marcam a trajetória dessa cidade que conviveu com diferentes núcleos e etnias que contribuíram com um “saber fazer” muito especial.

Os paulistas possuem algumas características forjadas pela sobrevivência durante o período colonial: expedições, tomadas de terras, empreendedorismo, avanços, escravização e conquistas numa construção cultural riquíssima em diversidade.

Boa parte do mundo se revela na capital paulista, numa mistura única, muito característica. Neste mês da consciência negra, propomos um “passeio” por alguns monumentos que homenageiam pessoas negras que se destacaram na construção da história da cidade.

Mais que biografias, vamos contextualizar a importância das pessoas homenageadas e sua relação com o local onde os monumentos foram instalados.

Iniciaremos com um:

- Por quê?

Sim. Esta pergunta é feita pelos turistas com frequência. E você? Também tem um olhar curioso quando caminha pela cidade e se depara com algum monumento? Aceite nosso convite “Seja turista na sua cidade” e surpreenda-se com muitas narrativas que normalmente não fazem parte dos livros didáticos.

Poderíamos começar por qualquer lugar. Mas, escolhemos um que ainda aguarda um monumento que represente de fato suas origens - a Praça Antônio Prado, que substituiu o antigo Largo do Rosário, que abrigou a primeira Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no século XVIII.



Foto: Yone Borges

Da primeira petição em 1721 à conclusão das obras em 1737, segundo alguns documentos, houve um esforço muito grande que mobilizou negros escravizados e alforriados que costumavam se reunir no então subúrbio da cidade, para conseguir doações para que a Igreja fosse construída.

A primeira igreja foi edificada em taipa de pilão, com características predominantemente barroca, cujos móveis e adornos foram adquiridos através de doações. Uma igreja criada apenas para negros manifesta dois traços importantes da época: o número crescente de escravos que eram trazidos para São Paulo e a capacidade de associação e cooperação entre si. Este seria, portanto, o monumento inicial do passeio, homenageando todos “os invisíveis” que atuaram num marco importante da São Paulo Colonial.

A Praça Antônio Prado abriga como marco da ancestralidade o monumento acima citado, retirado em função das obras nas calçadas que estão ocorrendo no Triângulo Histórico.

Seguindo nosso roteiro vamos conhecer um pouco mais da trajetória da Igreja que foi demolida e transferida. Desde 1906, quando uma grande procissão, acompanhada por banda, trasladou as imagens do antigo templo, que ficava no Largo do Rosário, atual Praça Antônio Prado, podemos visitar a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos no Largo do Paissandu. A construção da Igreja provocou uma enorme alteração no seu entorno. Rituais religiosos, expressões de fé e várias comemorações voltaram a acontecer no novo endereço.



IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS. FOTO DE ELI HAYASAKA



Monumento à Mãe Preta. Foto de Eli Hayasaka

Em 1955 o monumento à Mãe Preta, uma homenagem às Amas de Leite, foi instalado no Largo do Paissandu. Trata-se do primeiro monumento a homenagear uma mulher negra em São Paulo.

Obra do escultor Júlio Guerra, tombada em 2004 pelo CONPRESP - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo, fez parte das comemorações do IV Centenário de São Paulo. Tempos depois passou a ser comemorado em 13 de maio, o Dia da Mãe Preta. A iniciativa traz festividades e celebrações religiosas ao redor do monumento.

Mais recentemente, o local também recebe as comemorações do Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro. Aos poucos as memórias vêm sendo resgatadas e apresentadas em diferentes ações.

Seguindo na região da República, o Largo do Arouche é nossa próxima parada. Nele encontram-se várias estátuas e obras famosas. Dentre elas, destacamos o busto de Luiz Gama, monumento criado por Yolando Malozzi e inaugurado no dia 22 de novembro de 1931. Mais um caso resultado de muitos esforços para ser erguido. A construção é fruto da iniciativa de um veículo de imprensa negro paulistano, o Progresso, que organizou uma arrecadação para a obra através de uma comissão. Inicialmente seria inaugurado em 21 de junho de 1930, data do centenário de seu nascimento. Uma série de complicações atrasou o evento. Trata-se do primeiro monumento público a prestar homenagem a um líder negro, em São Paulo.

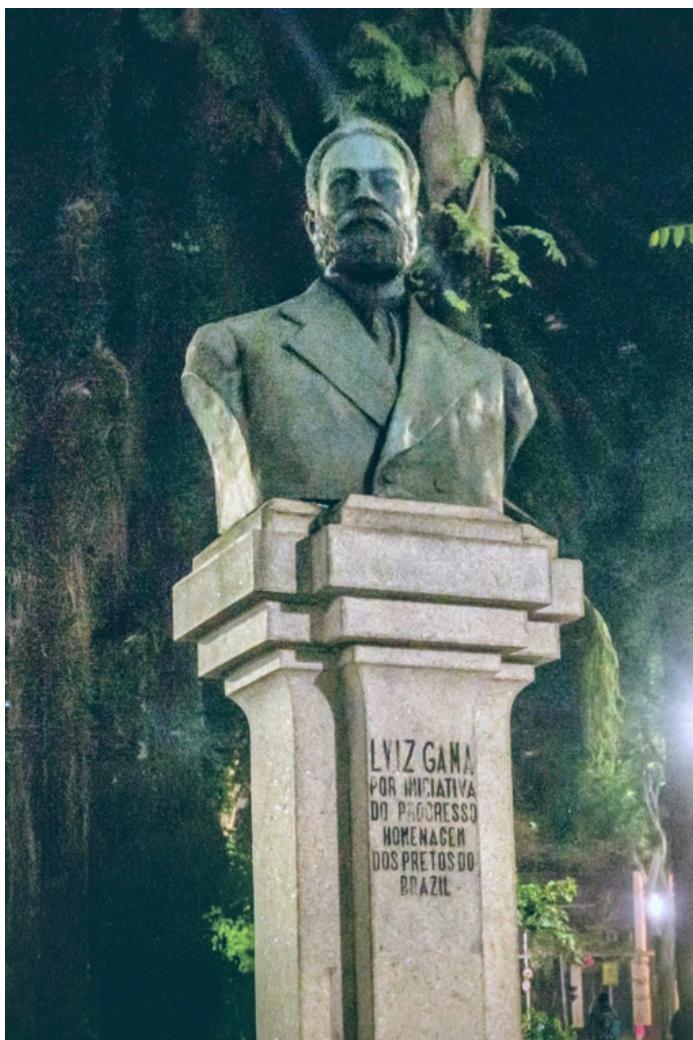


Foto de Eli Hayasaka

A biografia de Luiz Gama é extensa embora tenha falecido aos 52 anos. Advogado autodidata, jornalista e poeta abolicionista brasileiro nascido em Salvador, Bahia, em 1830. Conquistou o direito de advogar em função do vasto conhecimento adquirido enquanto aluno ouvinte na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. O advogado libertou dezenas de pessoas escravizadas, conquistou a atenção da imprensa com seus casos brilhantes e teve ao seu redor inúmeros aliados de diferentes setores da sociedade.

O cortejo fúnebre que cruzou as ruas de São Paulo até o Cemitério da Consolação contou com milhares de pessoas.

Atualmente a estátua de Gama continua sendo um importante local para o movimento negro paulistano. Diversas manifestações culturais e políticas apropriam-se do Largo do Arouche em torno da estátua.

São Paulo tem diversos monumentos em homenagem a pessoas negras, além daqueles citados no roteiro, como o busto de Luiz Gama (Arouche), a Monumento à Mãe Preta (Largo do Paissandu) e a escultura de Zumbi dos Palmares (Praça Antônio Prado), temos a Madrinha Eunice (Deolinda Madre): Sambista e fundadora da escola de samba Lavapés, a primeira de São Paulo. Sua estátua está localizada na Praça da Liberdade, a estátua de Geraldo Filme: Sambista e compositor, instalada na Praça David Raw, na Barra Funda, Itamar Assumpção: Cantor e compositor, sua estátua foi inaugurada no Centro Cultural Penha, na Zona Leste de São Paulo. Carolina Maria de Jesus: Escritora, autora do clássico "Quarto de Despejo". Sua estátua foi inaugurada na Praça Júlio César de Campos, em Parelheiros, na zona sul de São Paulo, Adhemar Ferreira da Silva: Bicampeão olímpico de salto triplo. Uma estátua foi inaugurada na Av. Braz Leme – Casa Verde.



Avançando para outros bairros e despertando o olhar para “além do centro da capital”. São muitas histórias a narrar. Todas elas entrelaçadas, não sobrepostas.

LITERATURA

ARTHUR SOUTO

graduado em Pedagogia, Letras, Artes e Educação Física. Especialista em Alfabetização e Letramento, Neuropsicopedagogia, Matemática e Educação Inclusiva. Autor das obras Pé de Menina, A FADA do PIX (Vencedor do Prêmio Ecos da Literatura 2024, como melhor livro original), O Tumbeiro (melhor romance de 2024 pelo Prêmio Book Brasil) e Minha Vida em Versos e Flores.



A Importância do Dia da Consciência Negra: Memória, Luta e a Construção do Amanhã

O Dia da Consciência Negra não é uma data concedida pelo calendário oficial; é uma data conquistada. Ele não nasceu nos gabinetes do poder, e sim no chão batido da resistência, gestado na memória coletiva e na voz teimosa de um povo que, por séculos, foi tristemente silenciado.

Mais do que um marco, este dia é um testemunho. Carrega o suor que irrigou terras alheias, as lágrimas vertidas na dor da separação e a resistência inquebrável que se tornou o alicerce de uma cultura. Honra aqueles que, mesmo sob o jugo dos grilhões, forjaram modos próprios de viver, de cantar, de amar e de crer.

Em meio à desumanização, teceram a trama complexa de sua humanidade: criaram ritmos que batiam no compasso do coração, fundaram comunidades e fizeram do mero ato de sobrevivência um legado de genialidade e arte.

A escolha do 20 de novembro é, em si, um ato de reescrita da história. Ela marca a morte de Zumbi dos Palmares, em 1695, o último líder do maior quilombo de que se tem notícia nas Américas: o Quilombo dos Palmares.

Zumbi não é uma figura mitificada pela nostalgia; foi um homem de carne e osso que, em seu contexto histórico, desafiou a lógica brutal de um sistema colonial para proclamar, com sua existência e sua luta, o que parecia uma heresia à época: que aquelas terras também eram suas. Palmares não era um refúgio de fugitivos; era um projeto de nação.

Deveras é crucial entender que o fim formal da escravidão, com a Lei Áurea de 1888, foi menos um ponto final e mais uma vírgula na história da opressão. A abolição libertou os corpos, porém abandonou-os à própria sorte, mantendo intactas as estruturas econômicas, sociais e políticas desenhadas para excluir, inferiorizar e apagar. O país que se seguiu foi meticulosamente estruturado para perpetuar a marginalização da população negra.

Por isso, o Dia da Consciência Negra é, antes de tudo, uma conquista autóctone. É a vitória dos movimentos sociais que resgataram do esquecimento a figura de Zumbi; dos remanescentes de quilombos que guardaram a chama da autonomia; das mães e pais de santo que preservaram os saberes ancestrais; dos mestres do samba que transformaram a perseguição em ritmo; e dos cordões carnavalescos que desfilaram sua alegria como trincheira, mesmo quando as ruas lhes eram hostis. É o triunfo daqueles que se recusaram, categoricamente, a desaparecer.

Este dia nos convoca a um exame de consciência coletivo sobre o presente:

- Quem, de fato, tem acesso pleno à educação de qualidade?
- Quem ocupa os espaços de poder e tomada de decisão?
- Quem protagoniza as narrativas que contamos em nossos livros, telas e tribunais?
- E quem, ainda hoje, precisa travar uma luta diária pelo simples direito de existir com dignidade?

Não se trata, portanto, de uma celebração ingênuia que declare superado um passado de opressão. A escravidão não foi superada; ela se metamorfoseou.

Sua herança manifesta-se de forma concreta na desigualdade socioeconômica abissal, no racismo estrutural que impregna nossas instituições, na violência policial seletiva e na falta crônica de oportunidades.

O 20 de novembro é, assim, um dia para reconhecer essa realidade.

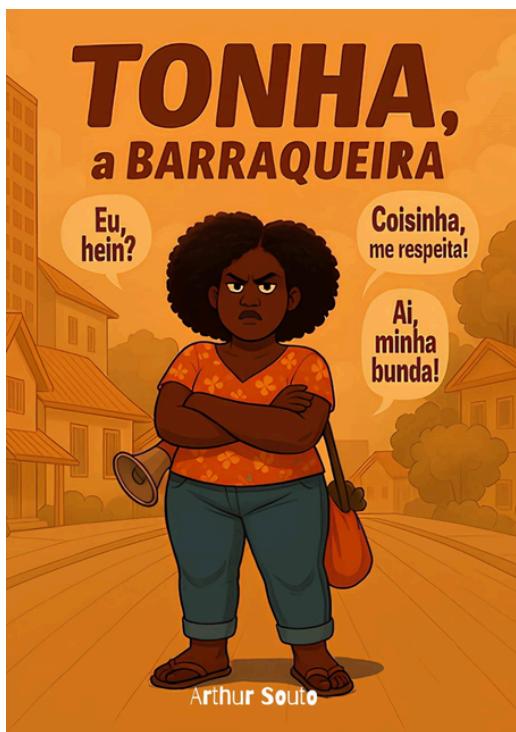
Para escutar as vozes que a DENUNCIAM.

Para APRENDER com a história que nos foi sonegada.

É, sobretudo, um dia para AGIR.

A Consciência Negra não é um evento no calendário; é um movimento contínuo de reflexão, responsabilidade e reparação. É um compromisso ético com a construção de um Brasil onde a cor da pele não seja mais uma sentença que antecipe o destino.

Neste dia, honramos a memória daqueles que lutaram para que chegássemos até aqui. E reafirmamos, com a lucidez que a história exige, que a luta persiste. Porque a verdadeira liberdade, aquela que é plena, digna e igualitária, decerto é uma conquista que se renova a cada amanhã.



Novo livro do autor
@mundo_encantado_dos_livros

causas COM GÊS



CELIA & CELMA gêmeas idênticas com mais tempo de atuação artística no cenário brasileiro. Cantoras, escritoras, pesquisadoras da culinária mineira,

DOCES BRASILEIROS CARTOLA

Um excelente exemplo da miscigenação cultural do Brasil, combinando ingredientes e técnicas de colonizadores portugueses, indígenas e africanos.

A **cartola** é uma sobremesa tradicional e icônica da culinária nordestina do Brasil, especialmente de Pernambuco, onde é reconhecida como **Patrimônio Cultural Imaterial**. É uma sobremesa simples, mas deliciosa, que combina ingredientes regionais marcantes.

O que é e seus ingredientes

A cartola é feita com:

Bananas maduras (geralmente banana-prata ou banana-da-terra), fritas em manteiga (de garrafa, preferencialmente).

Queijo (tipicamente queijo coalho ou queijo manteiga), frito até formar uma leve casquinha.

Açúcar e canela em pó, polvilhados por cima.

Algumas variações podem incluir melaço de cana ou doce de leite para finalizar

Origem do Nome

A sobremesa ganhou o nome de "cartola" porque, durante a montagem, o queijo derretido forma uma camada, ou "capa", sobre as bananas que lembra o formato de uma cartola (o chapéu).

Preparo

O preparo é relativamente simples: as bananas e o queijo são fritos separadamente na manteiga até dourarem. Em seguida, são dispostos em camadas, geralmente com o queijo por cima das bananas, e finalizados com a mistura de açúcar e canela.

Cartola



Foto:<https://casaeculinaria.com/receita/cartola#>

Modo de Preparo (Tradicional)

Prepare as bananas: Descasque as bananas e corte-as no sentido do comprimento.

Frite as bananas: Em uma frigideira, derreta a manteiga (de garrafa, se possível) e frite as fatias de banana até dourarem e caramelizarem dos dois lados. Reserve.

Frite o queijo: Na mesma frigideira, frite fatias de queijo (cerca de um dedo de espessura) em fogo baixo até formarem uma leve casquinha dourada em ambos os lados.

Monte a sobremesa: Em um prato, arrume uma camada de banana frita, cubra com uma fatia de queijo frito e polvilhe generosamente a mistura de açúcar com canela.

Finalize: Opcionalmente, pode-se finalizar com melaço de cana por cima. Sirva quente.

LANÇAMENTO



@celiaecelma_oficial

AS CASAS DOS BICHOS - projeto incentivado pelo Ponto de Cultura Itaquerendo Folia por meio da campanha de incentivo à leitura UM LIVRO ALI - doação de cupons fiscais.

MADRINHA EUNICE

a mulher que ensinou o
samba a ser livre

Há mulheres que nascem para obedecer às
regras do mundo.
Outras, como Madrinha Eunice, nascem
para reinventá-las.



Mauricio Coutinho

Jornalista, Produtor
Cultural, Curador, Editor
Chefe da Revista Paulista



Foto: Arquivo - Rose Marcondes

Deolinda Madre, seu nome de batismo, veio ao mundo em 14 de outubro de 1909, em Piracicaba, filha de Mathis Madre e Sebastiana Franco do Amaral, pessoas escravizadas libertas

**Da simplicidade herdou a grandeza.
Da dor, fez tambor.
Da resistência, fez melodia.**

Ainda menina, com pouco mais de dez anos, mudou-se para São Paulo, e ali começou sua história de luta. Estudou apenas até o quarto ano primário, mas a vida lhe ensinou o que nenhuma escola ensinaria: a coragem de existir com dignidade. Vendeu limões em uma banquinha na Rua da Glória, ergueu com esforço quatro bancas de frutas e sustentou, com mãos calejadas, o lar que seria o alicerce de seus sonhos.

Mas o destino guardava para Eunice algo maior.

Nas festas populares e nas romarias, entre rezas e batuques, ela descobriu a força do samba - e com ela, o poder da comunidade. Em 1936, ao visitar o carnaval da Praça Onze, no Rio de Janeiro, viu a alegria que nascia das ruas e decidiu que São Paulo também precisava daquele brilho. Assim, em 1937, fundou a escola de samba Lavapés, a primeira e mais antiga da cidade.

Naquele tempo, o samba era reduto dos homens. Eles mandavam, falavam, decidiam. E lá vinha Eunice, mulher, negra, comerciante, mãe simbólica de muitos, a tomar a frente, a bater no peito e dizer que o samba também era dela. E foi - por direito, por talento e por destino.

Madrinha Eunice enfrentou preconceitos com a serenidade de quem sabia que estava no caminho certo.

Sua doce bravura era o que mais encantava: falava baixo, mas sua voz ecoava. Tinha gestos firmes, mas o coração leve. Era conselheira, acolhedora, firme nas decisões e sábia nas palavras - sabedoria que brotava não dos livros, mas da alma.

Quando o marido, Chico Pinga, lhe pediu que escolhesse entre ele e a escola, Eunice não hesitou: ficou com o samba. Ficou com o que amava, com aquilo que a fazia existir plenamente. Era uma mulher à frente do tempo - livre antes que a liberdade fosse moda.

Chamavam-na Madrinha porque teve 41 filhados, mas o título também refletia sua essência. Foi madrinha do samba paulistano, madrinha das mulheres que ousaram ocupar os espaços da arte e da rua, madrinha de uma comunidade que aprendeu com ela que o samba é fé, é corpo, é resistência.

Em tempos em que as mulheres eram silenciadas, ela foi voz.

Em tempos em que o poder era masculino, ela foi liderança. Eunice não gritava - ela conduzia. Não mandava, inspirava. E assim transformou o samba em templo e trincheira.



Foto: Arquivo - Rose Marcondes

Sua neta Rose Marcondes, herdeira do legado da avó e atual guardiã da Lavapés. Rose cresceu sob o olhar vigilante e amoroso de Eunice. Desde pequena, foi apontada pela avó como sua sucessora

“Ela era demais, aonde chegava era mão de ferro”, recorda, entre risos e emoção. “Foi uma figura marcante como mulher, trabalhadora e guerreira. Dona do seu próprio eu, ninguém mandava nela. E sendo negra, que na época era complicadíssimo, e até hoje é, né?”

A força de Eunice atravessou gerações - e até a própria morte se rendeu à sua grandeza. Em 1995, já debilitada pela diabetes e após amputações das pernas, ela ainda encontrou na música o último alento.

“Um dia, desanimada por não poder andar, passou o dia inteiro cantando samba. Quando parou, dormiu e não acordou mais”

Sua despedida foi marcada por amor e respeito. Mas também por um gesto simbólico de preservação: “Na hora de enterrá-la, falaram ‘vamos enterrar com o pavilhão’. E eu disse: ‘Não! Vai enterrar a escola?’”.

O Lavapés, sua maior criação, seguiria vivo, porque madrinha que é madrinha nunca parte de verdade.

Hoje, a Lavapés ainda desfila, ainda canta, ainda reverencia sua fundadora, a mulher que ensinou São Paulo a sambar com alma.

Em 2022, a artista Lídia Lisboa eternizou sua figura em bronze, dançando no bairro da Liberdade, onde tudo começou. É uma imagem simbólica: o corpo leve, os pés em movimento, o olhar sereno de quem sabe que venceu o tempo.

No dia 14 de outubro, a cidade se curva em homenagem à sua filha mais valente. Na Fábrica do Samba - Complexo Deolinda Madre, o batuque volta a soar, lembrando que foi ali, entre suor e sonho, que uma mulher com pouco estudo e infinita sabedoria fundou o que viria a ser o coração do carnaval paulistano.

**Madrinha Eunice não foi apenas uma sambista.
Foi símbolo de resistência, de doçura e de poder feminino.**



Foto: Acervo José Madre e Dona Lúcia Madre

Uma mulher que ensinou o samba a ter alma, o povo a ter orgulho e a cidade a ter cor. Hoje, o compasso do surdo ainda repete seu nome e o samba, agradecido, responde:

“Salve, Madrinha! Sem você, o samba não seria o mesmo.”

Saiba mais sobre a escola de samba fundada por Madrinha Eunice:
Lavapés

O berço do samba paulistano que resiste ao tempo

Tradicional e símbolo de resistência da cultura negra na capital paulista, a Escola de Samba Lavapés Pirata Negro é reconhecida como a mais antiga em atividade na cidade de São Paulo. Fundada em 9 de fevereiro de 1937, na Rua Lavapés, no bairro da Liberdade, próxima ao Cambuci, a agremiação nasceu do sonho e da determinação de Madrinha Eunice, uma das maiores figuras do samba paulistano. Inspirada pela viagem que fez ao Rio de Janeiro em 1936, onde se encantou pela escola São Carlos - hoje Estácio de Sá -, Eunice trouxe para São Paulo o ideal de uma escola de samba estruturada, com enredo, bateria e alas organizadas. Assim nasceu a Lavapés, escola que seria decisiva para a oficialização do Carnaval Paulistano e pioneira na criação da primeira comissão de frente feminina da cidade.

O samba que nasceu das festas do Rosário

- Herdeira direta do batuque paulistano, a Lavapés tem suas raízes nas tradições afro-brasileiras cultivadas nas festas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, em Pirapora do Bom Jesus. Madrinha Eunice era frequentadora assídua dessas celebrações, onde o tambor e o canto coletivo traduziam fé, resistência e identidade. Dessa herança nasceu o ritmo característico da escola, que ajudou a moldar o estilo do samba de São Paulo.

De celeiro de talentos a protagonista do carnaval - Ao longo de sua trajetória, a Lavapés se consolidou como um verdadeiro celeiro de sambistas. Por suas fileiras passaram nomes que marcariam a história do carnaval paulistano, como Carlão do Peruche (fundador da Unidos do Peruche), José Jambo Filho (presidente da Vai-Vai), Germano Matias e Inocêncio Mulata (responsável pela refundação da Camisa Verde e Branco). Também era próxima de "Seo" Nenê de Vila Matilde, com quem Eunice compartilhava rodas de samba e sonhos de ver o carnaval da cidade reconhecido oficialmente.

Os primeiros títulos e inovações - Nas décadas de 1950 e 1960, a Lavapés viveu seu auge. Com desfiles disputados na Praça da Sé, conquistou diversos títulos — entre 1950 e 1956 — e introduziu inovações marcantes, como a figura do casal de mestre-sala e porta-bandeira e o uso dos sambas de enredo, então chamados de "sambas-tema". Um dos primeiros, "São Paulo Antiga", narrava com lirismo as transformações da cidade.

A oficialização do carnaval paulistano, em 1968, coroou a luta de figuras como Madrinha Eunice e Seu Nenê. Naquele ano, a Lavapés ficou em terceiro lugar entre as três escolas participantes, um marco que consolidou sua importância na história do samba em São Paulo.

Desafios e resistência - A partir da década de 1970, a escola enfrentou revezes, rebaixamentos e dificuldades financeiras. Mesmo longe da elite do carnaval paulistano, a Lavapés manteve-se ativa, fiel às suas origens e à sua missão de preservar o samba e a memória de sua fundadora. Entre os anos 1980 e 2000, alternou-se entre os grupos de acesso, sem nunca abandonar o pavilhão vermelho e branco.

Renascimento e novos tempos - Nos anos 2000, a Lavapés retomou o fôlego. Em 2007, foi promovida ao Grupo 2 da UESP, e em 2010, participou da criação do Marco Zero do Samba, projeto idealizado por Camilo Augusto Neto, diretor da União das Escolas de Samba Paulistanas. Em 2015, voltou a conquistar um título após 15 anos, reafirmando sua vitalidade.



Em 2019, a chegada do ator Aílton Graça à presidência trouxe uma nova fase à agremiação. Rebatizada como Lavapés Pirata Negro, em alusão ao projeto cultural liderado pelo ator, a escola ganhou sede de ensaios no Jabaquara e novos incentivos culturais. No Carnaval de 2020, apresentou o enredo “O mundo a partir da África e o tambor que faz gira girar”, conquistando o campeonato e celebrando, mais uma vez, a força de sua ancestralidade.

Legado imortal - Mais que uma escola de samba, a Lavapés Pirata Negro é um patrimônio cultural paulistano. Sua história mistura fé, resistência, luta e arte — um retrato da formação do samba em São Paulo e da presença negra que moldou o carnaval da cidade.

O legado de Madrinha Eunice permanece vivo, pulsando no batuque, no canto e no coração de todos que, ao ouvir o tambor da Lavapés, reconhecem nele o som da própria história da cidade.



ISBN: 978-65-984149-5-5

LEITURA ACESSÍVEL: Letra aumentada (facilita a leitura por pessoas com baixa visão)

TAMANHO: 20 X 20 – tamanho fechado

QTD DE PÁGINAS: 28 páginas

CAPA: Couchê brilho 250 g/m²

MOIOLO: Couchê Fosco 115 g/m²

ACABAMENTO: Dobra

FINALIZAÇÃO: Grampo

ILUSTRAÇÕES: 90% em preto e branco

RESUMO: Itãs são os relatos míticos (lendas) da cultura iorubá e esta adaptação do Itã de Oxalá feita pelo autor J. Ivo Brasil foi descrita pelo Mestre Didi, em 1966, como algo que "...refere-se ao reconhecimento do poder e princípio criador masculino representado por Oxalá...ao princípio e poder criador feminino aqui representado por Oxum.

ILUSTRAÇÕES: Joel CostaMar

FRETE: Grátis

PEDIDOS: via WhatsApp – 11 99856-1738

PREÇO: sob consulta

BRINDE: Marcador de página e acesso grátis ao e-book

PONTO DE CULTURA



SELO INDEPENDENTE

www.itaquerendofolia.org